

DOCTRINA TOMISTA DO MESTRE EXTERIOR E SEU FUNDAMENTO INTELECTIVO

José Carlos Casulo
Universidade do Minho

1. Introdução

Há quem pense que uma das características gerais do pensamento medieval foi ter dado pouca importância à reflexão pedagógica, que, nessa época, “Abundaron los maestros, pero faltaron los pedagogos.”¹ Passível de crítica, esta afirmação serve, contudo, para dar uma primeira impressão da figura de S. Tomás de Aquino. Foi um grande mestre, sem dúvida.

Nome sonante da História da Filosofia e se bem que o tomismo esteja pejado de temas cujas implicações pedagógicas merecem estudo atento, o Doutor Angélico, todavia, não abordou directa e exaustivamente as questões pedagógicas, pelo menos do modo marcante e inquestionavelmente evidente que o fizeram outros vulgos maiores do pensamento filosófico, quais sejam Platão, Rousseau ou Dewey.

Mas, como toda a regra confirma a excepção, assim também sucedeu com o Aquinense.

Com efeito, na sua vasta e profunda obra encontram-se páginas de cogitação directa sobre educação, não sendo incomum destacar, entre todas, as que constituem a décima primeira questão disputada do *De Veritate*, intitulada *De Magistro*.

Nesta comunicação, irei precisamente tratar a doutrina do mestre exterior e o modo como ela se fundamenta num aspecto da gnosiologia tomista, concretamente o do processo do conhecimento intelectual. Delimita-se, portanto, o âmbito das linhas que se seguem: só o estudo da doutrina do mestre exterior e só um aspecto dos respectivos fundamentos gnosiológicos. É que, a doutrina tomista sobre a mestria ultrapassa a reflexão particular sobre o mestre exterior e a sua fundamentação expande-se para além da gnosiologia, para a ontologia e a moral, por exemplo.

2. A doutrina tomista do mestre exterior nas *Quaestiones Disputatae De Veritate* (XI, art. I, corpus)

De Veritate é uma das primeiras obras de S. Tomás de Aquino. A sua décima primeira questão -*De Magistro*- é aquela que agora nos interessa. Divide-se em quatro artigos, nos quais se discute o tema/questionador de cada um deles, a saber: “Utrum homo docere alium possit et dici magister, vel Deus solus”² - art. I; “Utrum aliquis possit sui ipsius magister dici”³ - art. II; “Utrum homo ab angelo doceri possit”⁴ - art. III; “Utrum docere sit actus

vitae activae, vel contemplativae⁵⁵ - art. IV. Os assuntos tratados nestes quatro artigos voltam a ser abordados na *Summa Theologica*, mais sinteticamente, claro, como não poderia deixar de ser numa obra que se pretende de s mula⁶.

Vê-se, pois, que   no art. I do *De Magistro* que especificamente se trata da questão de saber se um homem pode ensinar outro (aquilo que tenho vindo a denominar e que usualmente se denomina de doutrina do mestre exterior), sendo que nela surge a alternativa de saber se são a Deus isso   possível. Podemos distinguir três momentos neste artigo: um primeiro, em que S. Tomás elenca dezoito objec es   sua resposta/tese geral (corpus), que seguidamente expõe e que constitui o segundo momento,   qual se seguem -   o terceiro momento - as respostas particulares, uma por uma, deduzidas da tese geral, às iniciais dezoito objec es. A economia própria de uma comunica o como esta, obriga a que me detenha apenas sobre a resposta geral que  , aliás, o momento mais importante deste artigo.

O Anjo da Escola começa por apresentar duas possíveis posi es extremadas e antag nicas entre si no concernente àquilo que ele denomina de "...acquisitione scientiarum..."⁷. A primeira   a que sustenta que tudo o que conhecemos nos vem única e simplesmente do exterior:

*"Quidam enim dixerunt, formas sensibilis omnes esse ab extrinseco, quod est a substantia vel a forma separata, quam appellant datorem formarum vel intelligentiam agentem(...). Similiter etiam ponunt, quod scientia non efficitur in nobis nisi ab agente separato..."*⁸.

A segunda posi o   a que defende o contr rio, isto  , que o ensino s  depende do sujeito que aprende:

*"Quidam vero e contrario opinati sunt; scilicet quod omnia ista rebus essent indita, nec ab exteriori causam haberent, sed solummodo quod per exteriorem actionem manifestantur: posuerunt enim quidam, quod omnes formae naturales essent actu in materia latentes, et quod agens naturale nihil aliud facit quam extrahere eas de occulto in manifestum (...). Similiter etiam aliqui dixerunt quod animae est omnium scientia concreata; et quod per (...) scientiae exteriora adminicula nihil fit aliud nisi quod anima deducitur in recordationem vel considerationem eorum quae prius scivit; unde dicunt, quod addiscere nihil aliud est quam reminisci..."*⁹

S. Tomás n o concorda com nenhuma destas posi es:

*"Utraque autem istarum opinionum est absque ratione(...). Et ideo, secundum doctrinam Aristotelis (I Physic., comm. 78), media via inter has duas tenenda est in omnibus praedictis..."*¹⁰.

Para o Aquinense, no discípulo existem já em potência os primeiros princípios que lhe permitirão adquirir ciência, primeiros princípios esses, que passam a acto mediante um processo pedagógico que tanto pode ser protagonizado apenas pelo discípulo (a inven o), como pelo discípulo e pelo mestre (a disciplina, isto   a instru o ou ensino),   semelhança do que acontece com alguém que se encontra doente e que recupera a saúde pela ac o natural (não induzida) do seu organismo ou por esta mesma ac o coordenada exteriormente pelo médico. São de S. Tomás as seguintes palavras:

“Sicut ergo aliquis dupliciter sanatur, uno modo per operationem naturae tantum, alio modo a natura cum adminiculo medicinae; ita etiam est duplex modus acquirendi scientiam: unus, quando naturalis ratio per seipsam devenit in cognitionem ignotorum; et hic modus dicitur inventio: alius, quando rationi naturali aliquis exterius adminiculatur, et hic modus dicitur disciplina.”¹¹.

Constata-se, pois, que se o Doutor da Igreja não excluiu a possibilidade de alguém, por si mesmo, adquirir conhecimento através da investigação pessoal (a invenção), estipulou que quando se fala em ensino, ou seja, quando se adquire ciência mediante disciplina, é necessário contar com o mestre exterior. Mas não só: há que ter em conta, também, a capacidade intelectual do discípulo. Ouçámo-lo, empregando, de novo, a analogia do médico:

“Sicut ergo medicus dicitur causare sanitatem in infirmo natura operante, ita etiam homo dicitur causare scientiam in alio operatione rationis naturalis illius; et hoc est docere; unde unus homo alium docere dicitur, et ejus esse magister.”¹².

Padre dominicano, filósofo católico e escolástico que era, Tomás de Aquino não podia, contudo, deixar de assinalar que, em última instância só Deus era mestre. Não o fez, porém, à maneira de Santo Agostinho de Hipona, pois isso seria contradizer-se. Fê-lo como consequência natural da tese teológica segundo a qual Deus tudo criou -até a razão- para bem da humanidade e, assim, prontamente esclareceu que a aceção em que tomava o ensino na sua doutrina do mestre exterior não podia ser confundida com a ideia de só Deus, ultimamente, ser mestre. Note-se, no seguinte excerto, que o Filósofo da Escola frisa que Deus ensina no íntimo; logo, não afasta o aspecto externo do ensino configurado pelo mestre e, portanto, não nega aquilo que primeiramente tinha afirmado:

“Hujusmodi autem rationes lumen (...) est nobis a Deo inditum (...). Unde, cum omnis doctrina humana efficaciam habere non possit nisi ex virtute illius luminis; constat quod solus Deus est qui interius et principaliter docet, sicut natura interius etiam principaliter sanat; nihilominus tamen et sanare et docere proprie dicitur modo praedicto.”¹³.

3. Fundamentação gnosiológica: a intelecção

No próprio texto que tenho vindo a analisar, S. Tomás de Aquino esboçou a fundamentação gnosiológica da sua doutrina do mestre exterior:

“... unde et secundum hoc unus alium docere dicitur, quod istum discursum rationis, quem in se facit ratione naturali, alteri exponit per signa; et sic ratio naturalis discipuli, per hujusmodi sibi proposita, sicut per quaedam instrumenta pervenit in cognitionem ignotorum.”¹⁴.

Tal como o médico não transfunde a saúde no doente mas apenas o ajuda a adquiri-la, assim também o mestre não transfunde a ciência no discípulo, mas tão só o ajuda a formá-la dentro de si pela actualização das potencialidades intelectuais. São ainda do nosso filósofo as seguintes linhas:

“... dicendum est de scientiae acquisitione; quod praeexistunt in nobis quaedam scientiarum semina, scilicet primae conceptiones intellectus, quae statim lumine intellectus agentis cognoscuntur per species a sensibilibus abstractas (...). Quando ergo ex istis universalibus cognitionibus mens educitur ut actu cognoscat particularia, quae prius in potentia (...), tunc aliquis dicitur scientiam acquirere.”¹⁵

O mestre, portanto, é responsável pelo início do processo intelectual. Este, porém, ultrapassa a acção do mestre. Fundamenta esta afirmação o modo como, no tomismo, é entendido o conhecimento intelectual e que passo a apresentar.

Numa primeira fase o intelecto encontra-se num estado potencial, pois depende da excitação causada pelos dados vindos do exterior - “Intelligere nostrum est pati(...). Intellectus est potentia passiva...”¹⁶. Após recepção, por via dos sentidos, da informação vinda do exterior (espécie sensível), entra em acção o intelecto agente, que a despoja de todos os caracteres individuais, assim formando a espécie inteligível. Por ser capaz de efectuar esta operação, o intelecto agente é considerado por S. Tomás como “... lumen derivatum a Deo...”¹⁷.

O intelecto agente transmite a espécie inteligível ao intelecto passivo, o qual, uma vez por esta fecundado, gera o conceito universal.

4. Apontamento conclusivo

No pensamento de S. Tomás de Aquino, o processo intelectual que leva à aquisição do conhecimento justifica a doutrina do mestre exterior. Não sendo o seu único fundamento, é um dos seus fundamentos, aquele que aqui foi chamado à colação. No tomismo, a doutrina do mestre exterior é aquela que foi apresentada porque a teoria gnosiológica sobre a inteligência é aquela que, muito sucintamente, foi exposta. O mestre exterior actua sobre o discípulo através das suas palavras (os sinais), transmite ao intelecto os dados que ele trabalhará até formar por si mesmo conceitos universais, associações destes conceitos universais, os juízos e associações de juízos, os raciocínios, ou seja, numa palavra, a ciência.

Na doutrina do mestre exterior, a alusão a Deus como Aquele que ultimamente ensina, sendo que ensino, neste caso, como se viu, não deve ser entendido no sentido em que é entendido o ensino entre mestre e discípulo humanos, compreende-se por S. Tomás entender que o intelecto agente é uma luz derivada de Deus.

Quem ensina, ou melhor, quem inicia o processo de ensino, é o mestre exterior que, com as suas palavras, actua sobre o discípulo fornecendo matéria ao intelecto agente, despoletando, assim, o processo de transformação intelectual dos dados recebidos que culmina na elaboração de conceitos universais, nos juízos, nos raciocínios, enfim, na *acquisitione scientiarum*.

Notas

- 1- Cfr. Moreno G., J. M., *Historia de la Educación*, Paraninfo, Madrid, 1971, p. 174.
- 2- Cfr. Tomás de Aquino, S., *De Veritate*, XI, art. 1. Tradução: “Sobre se um homem pode ensinar outro e dizer-se [seu] mestre, ou apenas Deus o pode [fazer]”. Ao longo do presente trabalho citarei sempre o original latino, remetendo para nota de rodapé a tradução portuguesa. Nesta, as palavras entre parêntesis rectos são introduzidas a fim de permitir uma melhor compreensão dos excertos traduzidos.
- 3- Cfr. ibidem. Tradução: “Sobre se alguém pode dizer-se mestre de si próprio”.
- 4- Cfr. ibidem. Tradução: “Sobre se o Homem pode ser ensinado pelos anjos”.
- 5- Cfr. ibidem. Tradução: “Sobre se ensinar é um acto de vida activa ou [de vida] contemplativa”.
- 6- Mais concretamente, os dois primeiros artigos do *De Magistro* em *S. Th., I, q. 117, art. 1*, o terceiro em *S. Th., I, q. 117, art. 2* e o quarto em *S. Th., II-II, q. 181, art. 3*.
- 7- Cfr. Tomás de Aquino, S., *De Veritate*, XI, art. 1). Tradução: “... aquisição das ciências...”.
- 8- Cfr. ibidem. Tradução: “Com efeito, alguns disseram que todas as formas sensíveis existem a partir do exterior, que é a substância ou forma separada, à qual chamam dador das formas ou inteligência agente. De modo semelhante defendem também que a ciência não é causada em nós a não ser pelo agente separado...”.
- 9- Ibidem. Tradução: “Mas alguns opinaram em contrário, dizendo que todas estas coisas são vindas do interior e não tem causa exterior, mas são apenas manifestadas pela acção exterior. Com efeito, alguns defendem que todas as formas naturais existem em acto latentes na matéria e que o agente natural nada mais faz do que trazê-las do oculto para o manifesto (...). De modo semelhante alguns disseram que as almas são criadas com todas as ciências e que (...) pela ajuda da ciência exterior nada mais se faz do que conduzir a alma para a recordação ou consideração do que antes já sabia; pelo que dizem que aprender nada mais é que recordar.”.
- 10- Ib.. Tradução: “Ambas as opiniões são desprovidas de razão (...). E, portanto, segundo Aristóteles (I, Física, com. 78), em tudo o que foi dito se deve tomar um caminho intermédio entre estas duas opiniões.”.
- 11- Ib.. Tradução: “Tal como alguém é curado de duas maneiras -uma delas somente pela acção da natureza, outra pela acção da natureza com a ajuda dos tratamentos [do médico], assim também é duplo o modo de adquirir ciência: [de] um [primeiro] modo quando a razão natural atinge por si própria o conhecimento das coisas que antes desconhecia e [a] este modo chama-se invenção [isto é, investigação pessoal]; de outro modo quando a razão natural é ajudada por alguém do exterior e [a] este modo chama-se disciplina [isto é, instrução/ensino].”.
- 12- Ib.. Tradução: “Assim como se diz do médico que causa a saúde do doente através do operar da natureza, assim também se diz que um homem causa a ciência noutra através do operar da razão natural [deste último]. E isto é ensinar. Pelo que se diz que um homem ensina outro e é seu mestre.”.
- 13- Ib.. Tradução: “Esta luz da razão (...) é-nos dada por Deus (...). Pelo que, como toda a doutrina humana não pode ter eficácia a não ser em virtude dessa luz, é de defender que só Deus é quem no íntimo e principalmente ensina, tal como também é a natureza que no íntimo principalmente cura; contudo, não é este o sentido próprio das palavras curar e ensinar.”.
- 14- Ib.. Tradução: “... diz-se de um homem que ensina outro quando [o primeiro] expõe ao outro por sinais este discurso da razão, que em si faz pela razão natural; e assim a razão natural do discípulo, por estas coisas [os sinais] que lhe são propostas [pelo mestre], como por certos instrumentos, chega ao conhecimento das coisas desconhecidas...”.
- 15- Ib.. Tradução: “... deve dizer-se quanto à aquisição da ciência, que preexistem em nós umas certas se-

mentes das ciências a saber, as primeiras concepções do intelecto, que instantaneamente, pela luz do intelecto agente, são conhecidas através das espécies abstraídas das coisas sensíveis (...). Quando, portanto, a partir destes conhecimentos universais a mente é conduzida a conhecer em acto os particulares que antes estavam em potência (...), então diz-se que alguém adquire ciência...”

16- Cfr. *S. Th., I, q. 72, art. 2.* . Tradução: “A nossa intelecção é passiva (...). O intelecto é uma potência passiva.”.

17- Cfr. *De Veritate, q. II, art. 3.* . Tradução: “...luz derivada de Deus...”.

Bibliografia

Abbagnano, N./ Visalberghi, A., *História da Pedagogia*, vol. I, trad. de G. Quartin, Livros Horizonte, Lisboa, 1981, capt. VII.

Bouché Peris, J. H., *Santo Tomás de Aquino*, em AA. VV., *Filosofia de la educación hoy: conceptos, autores, temas*, Ed. Dykinson, Madrid, 1989, pp. 247 -260.

Dias, J. R., *A Noção Metafísica de Bem nas Quaestiones Disputatae de Veritate de São Tomás de Aquino. Pars dissertationis*, Ed. Franciscana, Lisboa, 1970.

Maritain, Jacques, *Pour une philosophie de l'éducation*, II ed., Fayard, Paris, 1969, chap. V.

Martins, Diamantino, *O conhecimento da mente humana segundo S. Tomás*, em *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, vol. 30, 1974, pp. 29-38.

Moreno G., J. M., *Historia de la educación*, Paraninfo, Madrid, 1971.

Rahner, Karl, *A verdade em S. Tomás de Aquino*, em *Revista Portuguesa de Filosofia*, Braga, vol. 7, 1951, pp. 353-370.

Rassam, J., *Tomás de Aquino*, trad. de Isabel Braga, Edições 70, Lisboa, 1980.

Ruppel, Ernesto, *A captação da realidade segundo S. Tomás de Aquino*, Livraria Cruz, Braga, 1974.

Sertillanges, A.-D., *As grandes teses da filosofia tomista*, trad. de L. G. Ferreira da Silva, Livraria Cruz, Braga, 1951.

Steenberghen, F. van, *Le Thomisme*, P.U.F., Paris, 1983.

Tomás de Aquino, S., *De Veritate*.

Tomás de Aquino, S., *Summa Theologica*